Linguagem Radiofônica e Radiojornalismo: Um Estudo das Reportagens do *BandNews Porto Alegre Edição de Sábado*[1]

Natália PIANEGONDA[2]
Cida GOLIN[3]
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS

RESUMO

Este trabalho se propõe a investigar as possibilidades de explorar, no radiojornalismo, o potencial expressivo do rádio por meio do uso de todos elementos da linguagem radiofônica. Estudamos, para isso, a experiência do programa BandNews Porto Alegre Edição de Sábado. Utilizamos uma pesquisa bibliográfica e de campo, e a análise de uma amostra de seis reportagens. Podemos identificar, ao final, a forma como o programa utiliza esses recursos, sob o domínio da palavra falada, e as formas possíveis de produzir mensagens jornalísticas que utilizem também música, efeitos sonoros e silêncio.

PALAVRAS-CHAVE: linguagem radiofônica; radiojornalismo; jornalismo cultural; BandNews FM Porto Alegre.

Introdução

O cotidiano de um profissional de rádio é sempre desafiador: não é fácil atrair a atenção de um ouvinte ocupado por diversas atividades simultâneas, cativado por vários estímulos sonoros e, principalmente, sempre exposto a uma gama imensurável de informações visuais. A supremacia do que se pode enxergar em detrimento do que se pode ouvir faz com que o rádio seja pouco explorado e tenha seu potencial menosprezado. O reflexo disso está na forma quase unânime com que as emissoras veiculam seu conteúdo, predominantemente com palavra falada e música. Em particular naquelas voltadas ao jornalismo há uma prevalência quase absoluta da fala como maneira de informar.

A proposta deste estudo é investigar as possibilidades do radiojornalismo de explorar o potencial expressivo do rádio por meio da utilização de todos elementos da

[1] Trabalho apresentado na Divisão Temática 4 – Comunicação Audiovisual, da Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Este artigo deriva da monografia apresentada em 2009 por Natália Pianegonda no curso de Jornalismo da UFRGS.

[2] Jornalista, graduada em Comunicação Social pela FABICO/UFRGS, email: natalia.pianegonda@gmail.com

[3] Orientadora do trabalho. Jornalista, Doutora em Letras, Professora da FABICO/UFRGS e do PPGCOM/UFRGS, email: cidago@terra.com.br

linguagem radiofônica na construção dos relatos. Apesar de essa prática ser mais comum a narrativas fictícias, acreditamos que também há possibilidades para isso no jornalismo, com o uso de fontes sonoras que façam referência ao real, para provocar, no ouvinte, estímulos sensoriais que permitam uma percepção mais subjetiva.

Assim, este estudo apresenta como tema a análise da linguagem radiofônica de reportagens do programa BandNews Porto Alegre Edição de Sábado[4]. A BandNews foi a primeira emissora de perfil exclusivamente jornalístico da capital gaúcha em FM, e destina o espaço do programa à cultura e ao entretenimento.

Nossos objetivos são compreender de que forma os elementos da linguagem radiofônica (palavra falada, música, efeitos sonoros e silêncio) são utilizados, e discutir sua aplicação na mensagem.

Adotamos uma metodologia que parte da pesquisa bibliográfica, a fim de compreender de forma mais ampla o leque de características que envolvem a linguagem radiofônica. Os fundamentos partem, principalmente, dos estudos de Armand Balsebre (2007) e Ricardo Haye (1995;2005), que trataram dos elementos, do potencial expressivo do rádio e da construção de imagens sonoras. Recorremos, ainda, a Rudolf Arnheim (2005), com a proposição clássica do "diferencial da cegueira" e Eduardo Meditsch (2001;2003), que fala das especificidades da linguagem do radiojornalismo e oferece subsídios para a análise do rádio como fonte de informação.

A prática do jornalismo cultural em rádio foi pensada a partir de estudos feitos sobre o gênero em meio impresso, especialmente por Wilsa Carla Freira da Silva (1998), que trata da linguagem e da construção textual das reportagens do segmento.

Também houve trabalho de campo, a fim de registrar as rotinas de produção do BandNews Edição de Sábado, o que foi possível, inclusive, pelo envolvimento direto da autora com as atividades do programa. Foi utilizada, ainda, a técnica da entrevista em profundidade fechada (DUARTE, 2006), com aplicação de dois modelos de questionários à equipe, respondidos pelos repórteres, pela editora e apresentadora e pelo produtor do programa[5].

[4] A amostra é composta de seis reportagens produzidas no primeiro semestre de 2008, escolhidas aleatoriamente. Os temas das produções são os seguintes: 1 - Dia de Nossa Senhora de Navegantes; 2 - As cores de Porto Alegre (matéria integrante de uma série de reportagens); 3 - Exposição sobre a vida de Anne Frank; 4 - Sobrevivência da cultura indígena; 5 - Espetáculo de dança chamado "Bundaflor, Bundamor"; 6 - Encontro do Clube de Nadismo. A análise detalhada está em PIANEGONDA, 2009.

[5] Consultar PIANEGONDA, 2009

A expectativa é que o estudo demonstre que há espaço no radiojornalismo para explorar o potencial expressivo do rádio sem comprometer a pretendida objetividade e veracidade do relato jornalístico. A ideia é instigar o ouvinte a uma percepção subjetiva, ligada ao afeto e à emoção. O efeito disso poderia ser uma escuta mais interessante e, talvez, mais atenta. Com a ressalva, entretanto, de que essas possibilidades encontram espaço no jornalismo em condições de produção e segmentos específicos, como é o caso da editoria de cultura.

A linguagem radiofônica e a expressividade do rádio

Na era da imagem, um meio que não dispõe de artifícios de visualização pode causar a sensação de insuficiência, incapacidade de ser eficiente na comunicação. Entretanto, teóricos que estudam o rádio demonstram que a linguagem radiofônica permite a plena compreensão da mensagem a partir de formas particulares e criativas na construção dos relatos. Além disso, suas características tornam a linguagem peculiar, específica frente a outros meios de comunicação.

A linguagem radiofônica possibilita a percepção e assimilação de um fato apenas pelo estímulo sonoro. Segundo Haye (1995), o som radiofônico oferece a representação acústica do mundo, evocando o reconhecimento da realidade. E não é por trabalhar apenas com o som que este é um sistema comunicativo mais pobre. Rudolf Arnheim, que desenvolveu a ideia da "cegueira do rádio", defende que o som é suficiente para uma efetiva comunicação, porque este consiste exatamente em oferecer a totalidade da mensagem somente por meio sonoro, condição que permite ao rádio favorecer a fantasia (ARNHEIM, 2005).

Entre as características da linguagem radiofônica estão, também, a agilidade e a veiculação de informações em um curto espaço de tempo. Ademais, segundo Meditsch (2001), sua enunciação acontece sempre em tempo real, ao vivo, outro fator de sua especificidade. O autor ressalta que o rádio é o único meio que permite um processo simultâneo de transmissão e recepção, e o fluxo da comunicação acontece paralelamente aos acontecimentos reais. Em decorrência disso, atenta para o fato de que a comunicação radiofônica está permanentemente em um estado de tensão: se o receptor desviar a atenção por alguns momentos, a compreensão do contexto da mensagem pode ser comprometida, e não haverá possibilidade de ouvir novamente o que já foi veiculado.

Marshall McLuhan (2005), que relacionou o rádio a uma extensão do sistema nervoso central, destaca que a comunicação acontece individualmente com o ouvinte, fomentando a capacidade da mensagem radiofônica de provocar a sensibilidade do indivíduo. Forja-se um diálogo entre emissor e receptor, aspecto que denota a falsa oralidade da linguagem radiofônica, como demonstraram Balsebre (2007) e Meditsch (2001). Eles indicam que, embora a narrativa seja direcionada ao ouvinte em particular, como em uma conversa, a transmissão radiofônica é, na verdade, viabilizada por todo um aparato tecnológico e consiste de monólogos, ainda que haja, atualmente, graus possíveis de interatividade, através de artifícios como ligações, e-mails e mensagens via celular.

A linguagem radiofônica, embora fortemente relacionada à fala, é composta de outros elementos sensoriais ligados à audição, que são capazes de dotá-la de um significado não apenas no nível semântico, mas também estético, subjetivo, relacionado ao aspecto emocional da compreensão. Assim, palavra falada, música, efeitos sonoros e silêncio são os elementos que permitem a expressividade do rádio (BALSEBRE, 2007).

Importante destacar que a percepção dos estímulos sonoros acontece com o emprego da imaginação na composição de imagens auditivas, como define Balsebre (2005). Haye, que as chamou de imagens acústicas, esclarece que é por meio das sensações provocadas pelos sons que o ouvinte evoca, mentalmente, "(...) objetos, sujeitos ou espaços ausentes produzidos a partir da informação que sustenta a matéria sonora" (2005, p.354).

Os sons são capazes, além disso, de mexer com a sensibilidade em diversos níveis, afinal, "nossa memória não é um arquivo de slides, [ela] guarda também olfatos, sabores, sensações táteis e melodias; guarda principalmente, nossa compreensão e nossas emoções a respeito dos fatos da vida." (MEDITSCH, 2003, p.107)

Esses artifícios foram largamente utilizados na criação de peças dramáticas para o rádio, mas perderam relevância ao passo que a radionovela foi substituída como forma de entretenimento, especialmente pela TV. Com isso, o aproveitamento do potencial expressivo da linguagem radiofônica também entrou em decadência, restringindo-se ao uso quase exclusivo da palavra falada e da música (BALSEBRE, 2007).

Como defende Balsebre (2007), é legítima a busca de um trabalho mais preocupado em utilizar todo potencial do rádio como forma de cativar o ouvinte e provocar uma experiência sensorial verdadeira através do som, que ultrapasse os limites

cognitivos da escuta. Para isso, é necessário compreender quais são as características e funções dos recursos que compõem a linguagem do rádio.

Os elementos da linguagem radiofônica

A palavra falada é elemento predominante na construção da mensagem radiofônica, uma vez que dificilmente um emissor obtém um resultado de êxito na comunicação quando a fala está ausente, já que ela é a principal forma de expressão do pensamento (BALSEBRE, 2007). Por razões como a heterogeneidade do público e a transmissão ao vivo, que exige compreensão imediata do discurso falado, a palavra radiofônica tende à simplicidade, construção clara e exposição concisa (ALVES, 2005). É caracterizada, também, pela artificialidade, uma vez que a entonação aplicada na leitura sofre uma variação de acordo com o interesse da programação (BALSEBRE, 2007), ou até mesmo de uma dimensão mais subjetiva, por aspectos relacionados às pretensões ou à bagagem do próprio locutor, mediador da informação (MEDITSCH, 2001).

O empenho da voz na narrativa é fator determinante na construção da mensagem, permitindo provocar o imaginário de quem escuta por meio do "subtexto". Essa noção foi apropriada por Balsebre do dramaturgo soviético Constantin Stanislavski, que destaca a possibilidade de expressar distintas mensagens com uma única frase, variando a entonação da fala (BALSEBRE, 2007). Para o autor, a ausência desse caráter interpretativo do texto torna a escuta monótona. Do contrário, tende a gerar uma audição mais agradável e, por isso, tornar o processo de comunicação mais eficiente.

A música, por sua vez, dota a mensagem de um efeito emocional mais forte: ela permite comunicar aos ouvintes uma maior variedade de imagens auditivas. Balsebre (2007) identifica duas funções estéticas fundamentais: expressiva, que possibilita a criação de um clima emocional, de uma atmosfera sonora; e descritiva, onde a música identifica uma paisagem, um espaço onde decorrem as ações do relato radiofônico.

A assimilação deste elemento, entretanto, depende de variantes relacionadas às condições de recepção e percepção do ouvinte. Ricardo Haye (1995) atenta para este aspecto ao notar que, apesar de a música ser reconhecida como idioma universal, a referência que a ela é atribuída individualmente é imprevisível. Essa situação, aliada à dificuldade de superar convenções, leva muitas vezes ao clichê. Ou seja, para evitar

equívocos na compreensão, o emissor recorre a composições que se tornaram amplamente conhecidas, ou cuja associação é feita diretamente a uma imagem ou circunstância afetiva.

Mas, com base em estudos da música e das sensações que determinados ritmos e melodias provocam no ouvinte, Balsebre (2007) indica que aspectos como melodia e ritmo (que denotam movimento e cor), além da harmonia (que indica a profundidade espacial), também colaboram para a produção de imagens auditivas.

Ainda, a escolha da canção muitas vezes está condicionada ao gosto pessoal do emissor e tende a ser mais eficiente ou qualificada quanto mais amplo for seu repertório (HAYE, 1995).

A representação da realidade no rádio, se não for conduzida através do suporte da palavra falada, acontece também por meio de efeitos sonoros. Arnheim (2005) indicou o uso desse elemento na contextualização e apresentação da cena ao ouvinte, de modo a melhorar o entendimento, desde que utilizados adequadamente, sem exageros. A associação do efeito sonoro ao seu referencial real é inevitável. Conforme Balsebre (2007), a partir da relação feita pelo receptor, que pode ser denotativa (ligada de forma objetiva a algo da realidade) ou conotativa (de valor afetivo, emocional), o ouvinte irá compor uma imagem auditiva. Ele estabelece quatro funções essenciais para os ruídos (BALSEBRE, 2007).

A primeira é a ambiental ou descritiva, que, apesar de ser muitas vezes acessória à palavra, tem uma relevância significativa na narrativa radiofônica, dando os contornos sonoros da realidade referencial (do mar ou do trânsito, por exemplo).

A segunda função indicada pelo autor é a expressiva, ligada ao seu caráter conotativo, transmitindo ao ouvinte um estado de ânimo.

Quando os efeitos sonoros informam uma ação ou sujeito da ação, auxiliando na compreensão do relato sem necessidade da palavra, desempenham uma função narrativa, a terceira indicada pelo autor.

A quarta função é a ornamental: o efeito sonoro não possui um papel significativo no relato radiofônico, mas sua existência colabora na formação da imagem auditiva por parte do ouvinte.

De todos os elementos da linguagem radiofônica, o silêncio é o menos utilizado nas estratégias dos produtores. Pelo fato de a linguagem radiofônica ser sonora, a ausência do som não é um aspecto pensado e, caso aconteça, pode ser uma experiência

perturbadora (BALSEBRE, 2007). Entretanto, esse elemento é capaz de carregar um significado mais profundo que a simples inexistência de ruídos. "O vazio acústico, o silêncio sobre o qual o som é colocado, não representa um fundo neutro e sem conteúdo, mas, no caso, um inquietante lugar onde se produzem incessantes acontecimentos, que ficam além da compreensão do ouvinte" (ARNHEIM, 2005, p.64).

Além de fazer parte do sistema da linguagem verbal, já que essa acontece numa sucessão de sons e silêncios (BALSEBRE, 2007), ele possui uma "grande potência expressiva, dramática e portadora de sentido" (HAYE, 2005, p.354). Assim, sua utilização pode ter relevância no relato e no efeito que vai provocar no ouvinte. A partir de Bruneau, Balsebre (2007) apresenta duas categorias de silêncio: o psicolingüístico, que faz parte do desenvolvimento seqüencial lingüístico expressado com a palavra, e o interativo, que está na comunicação interpessoal. Nas pausas de um diálogo, que dão espaço para a interação do outro ou para a reflexão do que foi dito. Para o autor, a duração desse silêncio também pode ser parâmetro de relação no processo da formação de imagens auditivas.

Para analisar as possibilidades do uso destes elementos nas produções jornalísticas para rádio, em especial na editoria de cultura, é necessário compreender algumas de suas características.

Radiojornalismo e cultura: a experiência da BandNews FM Porto Alegre

O radiojornalismo, em síntese, alia e coloca as características do rádio a serviço das práticas jornalísticas. A agilidade e a transmissão da programação feita ao vivo fazem o rádio crescer em importância como fonte de informação.

Conforme Eduardo Meditsch (2001), o meio é específico na sua forma de objetivação e no modo como reflete e refrata a realidade. Um dos aspectos em que se revela esta singularidade é a construção do discurso, relacionada também à prática do próprio jornalismo. Fatores como a mediação do jornalista, o recorte da realidade e as rotinas produtivas do rádio delineiam a elaboração do relato jornalístico.

A velocidade de produção inerente ao meio também age sobre a construção da mensagem. No cotidiano do repórter de rádio dificilmente há espaço para um aprofundamento maior das pautas, que resulta em uma abordagem geralmente superficial. Enquanto isso, a narrativa é composta essencialmente pela palavra falada,

com uma linguagem simples e direta. O uso dos outros elementos fica condicionado apenas a situações específicas, como reportagens especiais.

Eduardo Meditsch defende que a aplicação desses recursos é mais apropriada à arte, enquanto "(...) o jornalismo tem como ideal a reprodução fiel de uma realidade exterior a que se refere. A realidade referencial representa, assim, um freio à criatividade do jornalismo no uso que se faz da mesma linguagem." (MEDITSCH, 2001, p.175).

Porém, é possível, sim, identificar possibilidades de estimular, mesmo no radiojornalismo, a formação das imagens auditivas, explorando de maneira mais ampla o potencial expressivo do rádio, sem ter como suporte apenas a palavra falada. Uma dessas possibilidades parece residir no âmbito do jornalismo cultural.

Uma vez que o gênero cultura em rádio não tem merecido atenção dos estudos de jornalismo, para compreendê-lo utilizamos reflexões feitas sobre sua prática em meio impresso. Algumas características semelhantes são identificadas. Entre elas, o fato da prestação de serviços, em que a informação consiste na agenda dos acontecimentos culturais da cidade ou região, e os critérios de noticiabilidade, essencialmente ligados à agenda, à temporalidade dos acontecimentos na produção artística e cultural, antecipando as informações ou tratando delas simultaneamente a sua realização. O segmento, além disso, admite pautas sobre temas que não estão inseridos no mercado cultural (SILVA, 1998), e também as ditas não factuais, ou seja, que não estão relacionadas a algo que está acontecendo ou que ainda vai acontecer, o que dificilmente se configura nas demais editorias

A flexibilidade que existe na escolha do conteúdo e que torna o jornalismo cultural peculiar frente aos outros gêneros, como político e econômico, é observada ainda com mais força na linguagem e na estrutura informativa. Os textos podem ser mais leves, irônicos, de modo a envolver o leitor em um clima de bem-estar (GADINI, 2006). O tom adotado é mais interpretativo e permite uma aproximação maior do jornalista com público (SILVA, 1998).

No rádio, esses recursos ficam evidentes tanto na construção do discurso como na aplicação de outros elementos na mensagem, como música, efeitos sonoros e silêncio. Se no jornalismo diário busca-se o ideal da objetividade (embora elementos subjetivos interfiram na construção da notícia), rejeitando qualquer recurso estilístico que abra margem para uma interpretação imprecisa, isso não se torna evidente na

editoria de cultura. Ainda que haja notícias tratadas com objetividade, há textos mais coloquiais, que incorporam, inclusive, características do estilo pessoal dos repórteres. Isso se torna até mesmo uma exigência do gênero, na opinião de Silva: "(...) o fato jornalístico cultural está diretamente relacionado à opinião de quem irá fazer a mediação entre o fato noticiado e o leitor (...)" (1998, p.93).

A experiência da Rádio BandNews FM Porto Alegre serve, aqui, como objeto de estudo dessa tentativa, a partir do programa BandNews Porto Alegre Edição de Sábado. A linguagem, diferenciada da prática cotidiana de jornalistas de rádio e o uso de recursos sonoros além da palavra falada são aspectos evidentes nas reportagens que compõem a amostra analisada.

Transmitido pela primeira vez em 6 de fevereiro de 2006, o BandNews Edição de Sábado teve duração de uma hora semanal até o primeiro semestre de 2009. Desde então, a veiculação passou a ser diária, por 30 minutos, com o nome BandNews Porto Alegre 2ª Edição. Foi mantida, ainda, a transmissão de uma hora no sábado, como reprise de alguns momentos dos programas da semana. Sua proposta é ser, na programação da emissora, marcada pelo estilo *hardnews*, um espaço destinado à cultura e ao lazer.

Conforme a apresentadora e idealizadora do programa, Lucia Mattos[6], o entendimento de cultura pelo programa compreende qualquer tipo de produção artística, popular ou erudita, sem desviar da indústria de produção de bens culturais: lançamentos de livros, filmes e CDs, shows, espetáculos.

É necessário evidenciar que as rotinas produtivas do programa são distintas do que se observa no cotidiano da emissora. Enquanto o dia-a-dia apresenta características que foram enumeradas por Eduardo Meditsch (2001) em emissoras do segmento, com a maior parte da programação levada ao ar sem que os produtores ou editores conheçam, na totalidade, o que irá compor o conteúdo do programa, ocorre no dia-a-dia da BandNews FM. Repórteres fazem boletins ao vivo, entrevistados não previamente programados são colocados em contato com o apresentador, a ordem da programação é alterada conforme a necessidade de que uma ou outra informação seja levada ao ar prioritariamente. Além disso, prima-se pela informação concisa: a intervenção de um repórter deve variar de 40" a 1'40".

[6] Em entrevista concedida à autora (PIANGEONDA, 2009)

O programa BandNews Porto Alegre Edição de Sábado, ao fugir do estilo *hardnews* da emissora, possui outro ritmo de produção. As pautas são distribuídas aos repórter com até três dias de antecedência para que haja tempo hábil para realização das entrevistas e uma edição mais elaborada da narrativa, com utilização de outros elementos além da palavra falada. Cada detalhe do programa, além disso, é previamente programado pela produção e previsto em um roteiro, finalizado antes de o BandNews Edição de Sábado ser transmitido. O tempo das reportagens também é maior. Na amostra, as produções variaram de 2'29" a 5'40".

Além disso, o trabalho dos repórteres também destoa do cumprimento da pauta diária. A abordagem é diferenciada e as reportagens abrem possibilidade para experimentação de uma elaboração estética diferenciada. E é sobre este produto que focamos nossa análise.

O uso dos elementos da linguagem radiofônica no BandNews Porto Alegre Edição de Sábado

A preocupação estética na construção do relato provoca, como efeito, a formação de imagens auditivas pelos estímulos sonoros (BALSEBRE, 2005). Desse modo, é possível provocar outros níveis de percepção, mais relacionados ao aspecto subjetivo, emocional do ouvinte. Esta tentativa parece evidente nas produções do BandNews Porto Alegre edição de Sábado.

Nas reportagens analisadas, a palavra falada é a principal sustentação da mensagem: o significado e o entendimento dependem essencialmente dela. Como é comum ao radiojornalismo, percebe-se o uso de um vocabulário simples e construções frasais curtas. Contudo, nas produções feitas para o programa há espaço, por exemplo, para neologismos (como "bundalização" da reportagem 5, "nadismo" e "tudismo" da reportagem 6), palavras no diminutivo ("tapetinho" e "sapinho" da reportagem 6), além da liberdade para que o repórter manifeste sua impressão sobre um tema, com uso, por exemplo, de adjetivações (como o trecho final da reportagem 1: "Diferenças à parte, o que vale mesmo em toda essa história é a linda demonstração de fé apresentada pelas pessoas").

A interpretação dos textos, por sua vez, permite que se obtenha um efeito expressivo mais significativo, carregando o relato de um sentido que não está manifestado na escrita, o que Balsebre caracterizou como o subtexto (2007). Identifica-

se, pelo vocabulário e pelo tom utilizado, expressão de dúvida, concordância, aconselhamento e também o uso do imperativo. Ademais, o ritmo utilizado na narração é menos acelerada que o comum da emissora, que se mostra ideal ao momento de lazer proposto pelo programa.

Também é possível notar uma das características inerentes da linguagem radiofônica: a falsa oralidade (MEDITSCH, 2001). Em alguns momentos os repórteres travam um diálogo direto com o receptor, forjando uma interação instantânea. Pronomes em segunda pessoa e perguntas seguidas das respostas são exemplos desses artifícios, como na reportagem 6: "Você está estressado? / Com os nervos a flor da pele? / Isso pode ter fim. / Neste sábado você pode aproveitar para fazer nada.".

A música é o segundo elemento mais utilizado. Sua função é essencialmente expressiva (BALSEBRE, 2007; HAYE, 1995), ou seja, de criar um clima emocional. Predominantemente são utilizadas composições populares, conhecidas do público, cujas letras fazem relação direta com o tema da reportagem, demonstrando a dificuldade observada por Balsebre (2007) de superar convenções sonoro-narrativas, a fim de evitar uma compreensão equivocada do contexto.

De modo geral, a música serve como um adorno à produção, recurso que enriquece esteticamente a mensagem. Ela foi utilizada, por exemplo, para ressaltar o tom de ironia e de bom humor (como na reportagem 4, onde canções que fazem alusão à "paixão nacional" ilustram o tema do espetáculo de dança chamado "Bundaflor, Bundamor"; ou na reportagem 6, que aborda um encontro de pessoas para fazer nada e inicia com uma canção dos Mutantes: "Dizem que sou louco por pensar assim"). A música também serviu para destacar diferentes crenças, no caso da reportagem 1, que fala sobre Nossa Senhora de Navegantes, ou Iemanjá.

Este elemento é aplicado, ainda, como forma de pontuar componentes diferentes da reportagem, demarcando situações distintas. É o caso da reportagem 4, onde fragmentos musicais servem como elos narrativos na estrutura da reportagem, ocupando o lugar que seria tradicionalmente do texto falado. Em menor escala, a música aparece com as funções descritiva e comunicativa (HAYE, 1995): a primeira, observada, por exemplo, na reportagem 2, sobre a vida de Anne Frank, pretende situar o ouvinte num contexto de guerra; e a segunda, onde aparece como forma de explicar ou esclarecer algo, como no caso da reportagem 3, em que música e texto são intercalados, de modo que um só ganha sentido com a existência do outro.

Sobre o uso deste elemento nas reportagens analisadas, destaca-se a dificuldade em libertá-la do papel de simples acompanhamento da palavra falada: sua função depende quase exclusivamente da letra. Não há um trabalho apurado com relação a aspectos como melodia e ritmo, que também podem estimular o ouvinte sensorialmente. Essa característica decorre principalmente da falta de um conhecimento mais aprofundado sobre música por parte do repórter, sem contar o peso do gosto pessoal, aspecto mencionado por Haye (1995).

Os efeitos sonoros, por sua vez, aparecem de forma mais restrita, aplicados com os dois fins estudados por Balsebre (2007): descritivo e expressivo. Como elemento descritivo, eles dão mais credibilidade a uma narrativa, legitimando o relato. Exemplo disso é a existência de ruídos que remetem a um espaço público quando a repórter indica que os indígenas entrevistados na reportagem 4 estão na praça.

Em outro nível, ainda, os efeitos sonoros servem para reforçar o significado da palavra falada, como no caso do barulho de carros presente na reportagem 2, no exato momento em que o texto faz referência às ruas.

Por relacionarem um ruído a um objeto ou a uma situação que faz parte da realidade, os efeitos sonoros também colaboram para a composição de imagens auditivas. Porém, sua utilização no BandNews Edição de Sábado, além de restrita em termos de quantidade, é limitada no que diz respeito ao aproveitamento de seu potencial expressivo. No conjunto analisado, os efeitos sonoros, assim como a música, constituem essencialmente um complemento à palavra falada.

A presença do silêncio, por sua vez, é ainda menor. Seu uso nas reportagens estudadas é limitado quase essencialmente às pausas presentes na fala. É o silêncio psicolinguístico e também interativo (BALSEBRE, 2007). Mas, nesse contexto, ele também cumpre uma função importante: abre espaço para uma participação do ouvinte, como ocorre quando há perguntas direcionadas ao receptor, sugerindo um diálogo entre repórter e público. Também possibilita a ideia de reflexão, em particular nas sonoras onde há pausas feitas pelos entrevistados.

Entretanto, o forte potencial expressivo e dramático do silêncio (HAYE, 2005) é pouco explorado na construção do relato como um todo, o que revela a dificuldade que existe em utilizá-lo na mensagem radiofônica. Muito se deve ao risco de provocar ruído na comunicação caso a ausência do som não seja compreendida da maneira desejada pelo emissor. (BALSEBRE, 2007).

Considerações Finais

A partir do que foi observado com base na compilação bibliográfica e do estudo acerca do programa, foi possível identificar aspectos evidentes do BandNews Edição de Sábado que auxiliam a compreender o uso da linguagem radiofônica pelo radiojornalismo.

Com a predominância da palavra falada e da música, e diante da forma como é feita a relação também com efeitos sonoros e silêncio, percebe-se, na amostra, que não há um planejamento a fim de explorar o potencial expressivo desses recursos como fontes de significado. Tanto que, na maioria dos casos, a fala basta. O que é utilizado além dela parece um adorno cuja compreensão também depende da existência do texto.

Mesmo assim, pode-se deduzir que o uso dos outros elementos aliados à palavra intensifica a expressividade da mensagem. Eles reforçam o significado da fala e do contexto, e potencializam o estímulo sensorial do ouvinte em níveis que não seriam possíveis caso a comunicação fosse restrita ao verbo. Quando limitada ao texto, há um distanciamento maior entre o ouvinte e a narrativa (BALSEBRE, 2007). Mas, quando há outros componentes, a realidade tende a ser aproximada, em particular pela aplicação de efeitos sonoros, ou assimilada afetivamente pelo ouvinte, quando utilizados silêncio e música, elementos que possuem, como observaram Balsebre (2005) e Haye (2005), uma capacidade imensurável de provocar as mais variadas sensações no receptor.

A possibilidade do uso de recursos que modificam esteticamente a mensagem radiofônica, desde a interpretação do texto até a aplicação dos outros elementos, raramente é encontrada na prática diária do radiojornalismo. Contudo, tem espaço no caso das reportagens do BandNews Porto Alegre Edição de Sábado devido ao fato, parece-nos, de o programa ser voltado a um segmento específico: o jornalismo cultural. O tratamento dos assuntos abre margem para uma subjetividade que não seria adequada às demais editorias.

Apesar disso, nota-se que existe uma dedicação demasiada à elaboração estética em detrimento da informação. Por vezes, até mesmo a compreensão da reportagem é prejudicada e o aprofundamento do conteúdo jornalístico é deixado de lado em nome do uso de elementos que não são absolutamente relevantes ao contexto.

Parece-nos que a dificuldade em permitir que seja desenvolvido um trabalho mais detalhado com as sonoridades no relato jornalístico decorra da falta de hábito e da

rotina atribulada, que impede os produtores de explorarem todos os recursos. Isso gera a falta de hábito de uma escuta que interaja com tais propostas. Além disso, a margem dada a construções mais subjetivas é pequena, porque, como já dito, teme-se que o compromisso com a objetividade e com a verdade, assumido pelo jornalismo, fique comprometido.

Não é por isso, contudo, que descartamos a possibilidade de que música, efeitos sonoros e silêncio estejam aliados à palavra falada na edição de uma reportagem radiofônica. Afinal, aspectos subjetivos são inerentes à prática do jornalismo. Estão, por exemplo, na mediação do repórter, no momento em que o profissional faz um recorte da realidade que será levada ao conhecimento do público.

Dentro das limitações deste estudo, acreditamos que ele demonstrou possibilidades no radiojornalismo para que haja um aproveitamento maior dos elementos da linguagem radiofônica como forma de provocar o ouvinte emocionalmente e proporcionar estímulos sensoriais que colaborem na composição de imagens acústicas, tornando a audição mais agradável e atraente.

Reconhecemos, porém, que esta atividade está condicionada a circunstâncias específicas, como prazos mais amplos para desenvolvimento das reportagens e como é o caso de um programa de cultura. Porque, como já demonstrado, o gênero permite uma abordagem mais leve e descontraída e maior liberdade de criação.

Referências bibliográficas

ALVES, Rosental Calmon. **Radiojornalismo e linguagem coloquial.** In: MEDITSCH, Eduardo (org.). Teorias do Rádio: textos e contextos. Vol. I. Florianópolis: Insular, 2005. p.163-173

ARNHEIM, Rudolf. **O diferencial da cegueira: estar além dos limites dos corpos.** In: MEDITSCH, Eduardo (org.). Teorias do Rádio: textos e contextos. Vol. I. Florianópolis: Insular, 2005. p.61-98

BALSEBRE, Armand. **A linguagem radiofônica.** In: MEDITSCH, Eduardo (org.). Teorias do Rádio: textos e contextos. Vol. I. Florianópolis: Insular, 2005. p.327-336

DUARTE, Jorge. **Entrevista em profundidade**. In: BARROS, Antônio; DUARTE, Jorge. Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2006. p.62-83.

GADINE, Sérgio Luiz. **Grandes estruturas editoriais dos cadernos culturais: principais características do jornalismo cultural nos diários brasileiros**. Revista Fronteiras: estudos midiáticos, São Leopoldo, vol. 8, n. 3, p. 233-240, 2006.

HAYE, Ricardo. **Hacia uma nueva radio.** Buenos Aires: Paidós, 1995.

_____. **Sobre o discurso radiofônico.** In: MEDITSCH, Eduardo (org.). Teorias do Rádio: textos e contextos. Vol. I. Florianópolis: Insular, 2005. p.347-354

MCLUHAN, Marshall. **Rádio: o tambor tribal.** In: MEDITSCH, Eduardo (org.). Teorias do Rádio: textos e contextos. Vol. I. Florianópolis: Insular, 2005. p.143-152

MEDITSCH, Eduardo. **Meias verdades que continuamos ensinando sobre o radiojornalismo na era eletrônica.** Conexão: Comunicação e Cultura, Caxias do Sul, v.2, n.3, p.99-110, 2003.

_____. **O rádio na era da informação: teoria e técnica do novo radiojornalismo**. Florianópolis: Insular, 2001.

PIANEGONDA, Natália. **Radiojornalismo e Linguagem Radiofônica: Um estudo das reportagens do BandNews Porto Alegre Edição de Sábado**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social - Jornalismo). Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

SILVA, Wilsa Carla Freire da. **Cultura em Pauta: um estudo sobre o jornalismo cultural.** Dissertação (Mestrado em Comunicação Social). Escola de Comunicação e Artes, Departamento de Jornalismo e Editoração, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.